

A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPAANHOL EUROPEU

LA PÉRDIDA DEL EFECTO V2 EN LA HISTORIA DEL ESPAÑOL EUROPEO

THE LOSS OF V2 EFFECT IN THE HISTORY OF EUROPEAN SPANISH

Carlos Felipe Pinto*

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: Diversos trabalhos em diversas perspectivas teóricas indicaram que a ordem de constituintes do espanhol antigo era diferente da ordem do espanhol atual, o que levou os pesquisadores, no quadro da gramática gerativa, a considerarem o espanhol antigo uma gramática V2. Neste artigo, proponho uma discussão sobre como a mudança gramatical de uma gramática V2 para uma gramática não V2 acontece na história do espanhol, considerando os pressupostos dos estudos diacrônicos no quadro gerativista que consideram a aquisição da linguagem o lugar central da mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Ordem de palavras. Movimento do verbo. Efeito V2. Espanhol antigo.

RESUMEN: Muchos trabajos que asumen distintas perspectivas teóricas señalan que el orden de constituyentes del español antiguo era distinto al orden del español actual, lo que llevó a que los investigadores ubicados en el marco de la gramática generativa analizaran el español antiguo como una gramática V2. En este artículo, propongo una discusión en torno a cómo se da el cambio gramatical de una gramática V2 hacia una gramática no V2 en la historia del español, tomando para ello aportaciones de los estudios diacrónicos en el marco generativista que consideran la adquisición de la lengua el lugar central del cambio lingüístico.

PALABRAS CLAVE: Orden de palabras. Movimiento del verbo. Verbo Segundo. Español antiguo.

* Doutor em Linguística pela UNICAMP. Professor Adjunto de Língua Espanhola. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. E-mail: cfpinto@ufba.br. Dedico este trabalho à saudosa Prof^a. Dr^a. Ilza Ribeiro, com quem pude ter muito diálogo e aprendizagem sobre ordem de palavras, efeito V2 e mudança linguística. Certamente, todos os erros que persistirem são de minha inteira responsabilidade.

ABSTRACT: Several works in many theoretical perspectives indicated that the word order in old Spanish was different from the order of the current Spanish, which led the researchers in the frame of generative grammar to consider old Spanish as a V2 grammar. In this article, I propose a discussion to describe the grammatical change from a V2 grammar to a non-V2 grammar in the history of Spanish considering the presuppositions of the diachronic studies in the generative framework that consider language acquisition as the central place of linguistic change.

KEYWORDS: Word order. Verb movement. Verb Second. Old Spanish.

1 INTRODUÇÃO

Como diversos estudos preocupados com a mudança linguística no quadro da gramática gerativa têm proposto a partir de Lightfoot (1979; 1991), a aquisição da linguagem é o lugar da mudança devido a uma fixação de parâmetros diferente da fixação paramétrica da geração anterior. A fixação paramétrica diferenciada deve-se a uma mudança no ambiente linguístico no qual as duas gerações adquiriam a sua língua, o que proporciona que a criança interprete o parâmetro dos dados linguísticos de forma diferente da geração anterior.

Como discutido por sociolinguistas desde o trabalho pioneiro de Weinreich, Labov e Herzog (1968), os falantes/ouvintes não vivem em comunidades de fala homogêneas¹. Pelo contrário, aprendem e usam a língua em contextos heterogêneos, e fatos de bilinguismo e diglossia relevam que os falantes sabem mais que um único sistema gramatical. Numa outra perspectiva, Kroch (1989) discute uma proposta de modelagem estatística da mudança linguística; porém, levanta um problema metodológico central para estudo diacrônico das línguas, pontuando, essencialmente, que não é possível fazer uso de um modelo experimental, ou seja, recorrer à intuição e ao julgamento do falante, como nos estudos sincrônicos, e que os dados que se tem nem sempre refletem com exatidão a língua falada na época, tendo em vista que várias questões entram em jogo na análise do texto escrito. As ponderações de Kroch (1989) para uma proposta de modelagem estatística (e, portanto, formalista) podem ser relacionadas com as de Weinreich, Labov e Herzog (1968) no sentido de que, assim como há heterogeneidade na língua atual, teria havido heterogeneidade em qualquer fase passada, o que impõe desafios à pesquisa em linguística histórica e mudança linguística.

Nesse sentido, Paixão de Sousa (2004) comenta que não é adequado que as pesquisas em sintaxe diacrônica, mesmo dentro de um quadro formalista como a gramática gerativa, ignorem os fatos históricos. Paixão de Sousa (2004, p. 18-19 - grifos da autora) diz: “[e]ntendo que um texto escrito será antes de tudo um objeto histórico (concreto, se quisermos), pois é produzido, recebido, preservado e investigado em circunstâncias historicamente construídas”. Nesse mesmo espírito, Paixão de Sousa (2006, p. 36) acrescenta:

No caso da documentação sobre as línguas, os dados históricos principais são os registros escritos que chegam até nós. Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar. Trazendo esse problema mais para perto, isso significa que como documentação das línguas espanholas medievais temos acesso, hoje, aos fragmentos da língua escrita nas cortes cristãs – por exemplo, os códigos de leis e outros documentos legais; as crônicas históricas dos feitos dos reis cristãos. Importantes e interessantíssimos fatos linguísticos nos são revelados por estes testemunhos; não podemos esquecer, entretanto, que há todo um universo de fatos linguísticos contemporâneos a eles, e aos quais não temos acesso por meio de documentação – porque tais fatos nunca foram registrados. Não foram julgados dignos de registro em sua época; ou não foram considerados dignos de preservação.

Em outras palavras, mesmo que a preocupação da linguística gerativa seja a mente (a configuração e o funcionamento da faculdade da linguagem), quando esse modelo teórico é deslocado de uma análise sincrônica para uma análise diacrônica (e passa a pensar como os valores paramétricos podem ser alterados de uma geração para outra), os fatos históricos, como os pontuados por Paixão

¹ Esse fato é reconhecido e assumido pelo próprio Chomsky (1986).

de Sousa (2004, 2006), não podem ser simplesmente abstraídos da investigação linguística. Se a mudança linguística acontece, de fato, no momento da aquisição da linguagem, que, embora seja biologicamente guiada pela faculdade da linguagem, está deterministicamente relacionada com o ambiente linguístico, os processos históricos que constituem o ambiente devem ser incluídos faticamente na análise linguística.

Mattos e Silva (2008) comenta que há uma diferença entre linguística diacrônica e linguística histórica. A primeira estaria detida na análise das mudanças internas ao sistema; a segunda levaria em conta o contexto social em que tais mudanças ocorreram. No entanto, é possível concluir, pela posição de Paixão de Sousa (2004; 2006), que, mesmo nos quadros formalistas, uma análise meramente diacrônica, nessa distinção feita por Mattos e Silva (2008), pode fornecer resultados incompletos, parciais e até mesmo não verdadeiros do processo de mudança linguística.

Por exemplo, Charlotte Galves, em comunicação pessoal, comenta que na história do português há uma mudança linguística retratada nos textos que não se deve a uma mudança de gramáticas pela aquisição da linguagem, ou seja, a um parâmetro que mudou devido a uma fixação paramétrica diferente da fixação da geração anterior, mas a uma mudança no centro de prestígio de Portugal na época. Isto é, como a escrita era privilégio de poucos, quando o centro letrado e escritor mudou, a língua registrada também mudou. Se o investigador não tem essa informação, pode considerar os fatos da história da língua como um *continuum* linguístico, quando, na verdade, houve uma interrupção e substituição linguísticas.

Assim, mesmo que este trabalho se insira no quadro gerativista, é mister um conhecimento da sócio-história do espanhol especificamente e, em alguma medida, das línguas românicas e germânicas em geral para que uma boa análise diacrônica da sintaxe do espanhol seja feita.

Em trabalhos anteriores (PINTO, 2011, 2015, 2018), enfatizei algumas diferenças gramaticais entre o espanhol antigo e o espanhol atual, apontando as principais diferenças entre as duas fases da língua com relação à ordem de constituintes, levantei a questão de que o espanhol antigo apresentava variação gramatical, sugerindo a existência de um processo de competição de gramáticas entre uma gramática V2 e uma gramática não V2 semelhante à gramática atual, e propus uma análise formal para a gramática atual e para a gramática V2 do espanhol antigo.

Neste artigo, apresentarei uma proposta para explicar a perda do efeito V2 ao longo da história do espanhol. Como consequência da proposta de que havia duas gramáticas na fase antiga, a hipótese de partida é que não houve uma mudança paramétrica com relação ao movimento do verbo entre uma fase e outra, mas, sim, a eliminação de uma das gramáticas, no caso, da gramática V2.

O artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, que é a primeira parte do texto, na segunda parte, faço uma breve apresentação de como a mudança gramatical é entendida no quadro da teoria da gramática; na terceira parte, retomo os dados que evidenciam a existência de um efeito V2 no espanhol antigo; na quarta parte, discuto como essa gramática V2 pode ter desaparecido na história do espanhol europeu; na última parte, faço algumas considerações residuais, apontando para questões de investigações futuras.

2 A TEORIA DA GRAMÁTICA E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Ao situar a língua como um objeto mental, novas considerações precisam ser feitas sobre a mudança linguística. Lightfoot (1993) faz uma exposição de como a mudança linguística é abordada em outros modelos, como o neogramático e o estruturalista, que propunham a mudança linguística a partir de leis universais e generalizantes, e propõe, com base em seus trabalhos anteriores (LIGHTFOOT, 1979, 1991), que a mudança linguística se dá na aquisição da linguagem, a partir da fixação de parâmetros.

A proposta central do autor (LIGHTFOOT, 1979, 1991) é que a língua muda quando a criança não fixa os parâmetros de acordo com a gramática da geração anterior. Esse ponto é matizado por Roberts e Roussou (2003, p. 13): se fixação correta de parâmetros significar fixar os parâmetros de modo que a gramática convergente seja idêntica à gramática adulta, há uma contradição entre o

problema lógico da mudança linguística e o problema lógico da aquisição da linguagem, porque a previsão que se faz é que as línguas não mudariam nunca. Roberts e Roussou (2003) propõem, então, que a aquisição da linguagem seja um processo fracamente determinístico, ou seja, a criança deve fixar os parâmetros de forma consistente com o *input* e não com a gramática adulta. Os autores salientam, no entanto, que, quase sempre, há convergência com a gramática adulta.

Lightfoot (1998, 2006) propõe que haja pistas nas quais os aprendizes se guiam para a fixação de parâmetros no processo de aquisição da linguagem. Segundo Lightfoot (2006, p. 149), uma pista é algum tipo de estrutura, elemento da gramática, derivado do *input*. A criança ouve o dado e faz uma análise dele. O processo é concluído com a fixação do parâmetro em questão a partir do *input* recebido e da análise feita pela criança².

Um exemplo de pistas para aquisição pode ser obtido a partir das línguas V2. Lightfoot (1991; 1995; 2006) propõe que a pista que uma criança tem para saber que sua língua é uma língua V2 é a existência de um constituinte qualquer, independentemente de qualquer função gramatical ou papel temático, em primeira posição, seguido imediatamente pelo verbo. No entanto, quando a pista não é clara, podem não fixar o parâmetro segundo a gramática adulta.

Kroch (2001) discute a perda do efeito V2 no francês antigo e mostra que uma oração, como a ilustrada em (1), a seguir, pode receber tanto uma análise V2 como uma análise não V2, como se observa em (2) na sequência:

- (1) Si firent grant joie la nuit.
então fizeram grande alegria à noite (KROCH, 2001, p. 710)
- (2) a. Análise V2:
[CP si [C firenti] [IP pro ti grant joie la nuit]]
b. Análise não V2
[IP si [IP pro firent grant joie la nuit]] (KROCH, 2001, p. 710)

Como o francês antigo era uma língua de sujeito nulo (ADAMS, 1987a; 1987b), as orações subordinadas com ordem V-O podem indicar que o verbo se moveu para C°, como em (2a) ou que o verbo permaneceu em I°, como em (2b). Se o aprendiz não tiver nenhuma evidência a mais de que o verbo se moveu para C°, ou seja, um dado em que outro elemento ocupe a primeira posição, o aprendiz pode analisar a oração em (1) como (2a) ou como (2b). E assim a mudança linguística começa a ser desencadeada.

Como foi exposto anteriormente, a mudança linguística, nessa perspectiva é desencadeada a partir da fixação de parâmetros de forma diferente da gramática anterior, decorrente da alteração no ambiente linguístico, que não é o mesmo do ambiente da geração anterior, no qual os aprendizes adquirem sua língua³. Além disso, vários trabalhos também têm proposto que nem todas as mudanças linguísticas são explicadas diretamente a partir de uma fixação paramétrica diferente. O próprio Lightfoot (1991) discute esse aspecto e comenta que não é possível explicar parametricamente, por exemplo, por que o inglês recebeu influências do francês e não de outra língua. Contudo, afirma que, embora essas situações não possam ser explicadas a partir de um modelo mentalista, causam alteração do ambiente linguístico, que é o que vai fazer com que a língua mude. Logo, a mudança acontece de forma abrupta e não gradual e é o resultado da substituição de gramáticas, de forma discreta e descontínua. As possíveis gradações devem ser explicadas a partir de outras questões.

² Várias questões aparecem aqui: qual a quantidade de dados necessária para a fixação do parâmetro? Até que momento a criança espera para fixar o parâmetro? O que acontece se a criança não ouve a pista parâmetro? Roberts e Roussou (2003) discutem algumas dessas questões e propõem que a criança tenha um mecanismo de segurança que, em caso de não encontrar evidências para o parâmetro, fixa a opção menos marcada. Essa discussão retoma aspectos cruciais da configuração da faculdade da linguagem e a famosa metáfora dos disjuntores. Nessa perspectiva, a criança já nasce com uma opção paramétrica fixada e somente a alterará se encontrar pistas nos dados para isso.

³ Um dos pareceristas anônimos comenta que os dados em (1) sugerem uma mudança desencadeada pela ambiguidade do dado (ou seja, a criança faz uma reanálise do parâmetro) e não por uma mudança no ambiente. No entanto, acredito que a reanálise só pode ser efetivada com uma mudança no ambiente, seja por contato, seja por frequência. Ou seja: se o ambiente linguístico da geração posterior não é diferente do ambiente linguístico da geração anterior, a geração seguinte não tem nenhuma razão para realizar reanálise do parâmetro, uma vez que a mudança gramatical nunca é autônoma (endógena).

Um exemplo muito interessante de que a mudança linguística é abrupta foi trazido por Kroch (1989) quando discutiu estatisticamente a perda do efeito V2 na história do francês com base nos dados de Adams (1987a, 1987b), mostrando que, quando o verbo para de se mover para C°, uma série de outras propriedades também são perdidas (por exemplo, ordem O-V sem clítico, inversão V-S) e a contraparte derivada de uma gramática não V2 (por exemplo, construções de CLLD, ordem S-V) é incrementada. Se a mudança fosse naturalmente gradual, o que se esperaria, nesse cenário do francês, é que primeiro o verbo deixasse de se mover até C°, depois outra propriedade fosse diminuindo e assim por diante, o que de fato não acontece quando um parâmetro é fixado de forma diferente da geração anterior.

A discussão anterior deixa claro que há uma complexa relação entre aspectos cognitivos/mentais e sócio-históricos que precisam ser muito bem observados no estudo da mudança linguística. Kroch (2001) faz uma esclarecedora discussão sobre a questão mostrando que, embora a mudança paramétrica seja abrupta, fatores como diglosia entre uma variedade de mais prestígio e uma variedade de menos prestígio, por exemplo, podem fazer com que haja uma aparente gradualidade na mudança linguística⁴.

Diversos estudos anteriores sobre a mudança da ordem de palavras enfatizaram as diferenças entre espanhol antigo e o espanhol atual (RIVERO, 1992; FONTANA, 1993). Porém, não explicaram como as diferenças gramaticais se manifestaram. A principal contribuição do presente artigo é propor uma explicação de como a mudança gramatical aconteceu no espanhol europeu a partir do quadro teórico da gramática gerativa, apresentado, nesta seção, o que será discutido proximamente na terceira seção.

3 O ESPANHOL ANTIGO E O EFEITO V2⁵

O espanhol europeu tem sido dividido em pelo menos três momentos na perspectiva mais tradicional (LAPESA, 1981; CANO AGUILAR, 1997): Espanhol Antigo (até o século XV); Espanhol Clássico (séculos XVI e XVII); Espanhol Moderno (a partir do século XVIII). No entanto, Eberenz (1991) levanta a discussão de se essa periodização em três etapas distintas entre si seria efetivamente comprovada. Eberenz (1991) faz uma detalhada discussão sobre a (ausência de) periodização em diversos trabalhos e comenta que qualquer periodização da língua precisa considerar fatos internos e que os níveis de análise podem ter uma periodização independente. Após sua análise, Eberenz (1991) conclui que o espanhol teria tido duas fases com três momentos: espanhol antigo (entre 1200 e 1450), espanhol médio (entre 1450 e 1650) e espanhol moderno (a partir de 1650). A questão aqui é que as duas primeiras etapas se caracterizariam como etapas estáveis, enquanto que o espanhol médio seria uma fase de transição (ou seja, não seria uma etapa distinta às outras duas, mas o momento de transição entre elas). Por fim, Flores e Melis (2015) propõem que tenha havido uma outra mudança no espanhol europeu a partir do século XIX, que não é considerada na periodização porque os estudos a partir do século XVIII são escassos.

Vários trabalhos dentro quadro gerativista têm mostrado que as línguas românicas antigas apresentavam uma gramática V2: Ribeiro (1995) para o português, Fontana (1993) para o espanhol, Adams (1987a) para o francês, Benincà (1995) para os dialetos italianos. Salvi (2001), Benincà (2006) e Mensching (2012) ainda mostram que havia variação linguística nessa fase das línguas românicas entre uma gramática V2 e uma gramática não V2.

Como discutido recentemente com muita aceitação, línguas V2 têm sido uma etiqueta utilizada para classificar aquelas línguas nas quais o verbo finito aparece na segunda posição na oração e é precedido exclusivamente por um único constituinte, seja qual for a sua função sintática. Considerando os dados do espanhol antigo, que apresentam bastante ordem V1, deve-se considerar a proposta de Fontana (1993) de que as línguas V2 não devem ser entendidas rigorosamente como verbo em segunda posição linear e as

⁴ O caso do PB pode ilustrar a questão. É sabido que a próclise é categórica na gramática do PB falado. Contudo, nos textos escritos, a gramática padrão determina o uso da ênclise em alguns contextos. Se daqui a alguns anos esses textos escritos, mesmo os de redes sociais, que podem refletir uma oralidade nos termos de Marcuschi (2000), forem analisados, será observada uma variação entre ênclise e próclise que reflète, na verdade, a diglosia existente no PB e não uma variação gramatical no *stricto sensu*. Esse fato é reforçado, inclusive, pelos contextos de hipercorreção, em que as pessoas forçam a ênclise, mas sem saber empregá-la corretamente.

⁵ A discussão deste artigo está baseada em Pinto (2011), em que se encontram informações sobre a quantidade de dados e as fontes. Há trabalhos, como Kayser (1999), Rinke (2009) e Sitaridou (2016), que discordam da análise de que as línguas românicas antigas tenham sido línguas V2.

propostas de Vikner (1995) e Benincà (2006) de que línguas V2 devem ser entendidas como línguas de movimento do verbo para CP⁶. Nesse sentido, propus, em Pinto (2011; 2016), que haveria línguas V2 rígidas e línguas V2 frouxas.

Como discuti em trabalhos anteriores, o espanhol antigo apresentava uma gramática V2 simétrica, ou seja, uma língua V2 que exibe o efeito V2 tanto em orações principais como em orações subordinadas, o que fica evidenciado a partir dos exemplos de (3) a (6), a seguir, retirados de Pinto (2011, p. 255):

- (3) a. armas odiosas tomaste, matando a tu madre Clitemestra
b. como agora fezieron el maestre don Pero Núñez
- (4) a. E esta carta otorga la abatissima Sancha García, [...]
b. si corazon has.
- (5) a. y así comienzo el espiritu por las medulas descender:
b. que no puede mi paciencia tolerar [...]
- (6) a. si el deudor otros bienes tuviese
b. porque este cuerpo muchas lágrimas ha dejado a sus parientes: y amargos dolores.

Os exemplos em (3) ilustram a ordem V2 em oração matriz e oração subordinada; os exemplos em (4) ilustram a ordem O-V sem retomada clítica em oração matriz e oração subordinada; os dados em (5) ilustram a ordem Aux-S-V; os dados em (6) ilustram construções de *object shif*. O conjunto de dados de (3) a (6) oferecem evidências de que o verbo, no espanhol antigo, movia-se para CP⁷.

Com relação à ordem O-V, o uso ou não do clítico resumptivo é um aspecto que distingue claramente línguas V2 de línguas não V2 e pode servir facilmente de evidência para contrastar as línguas informativamente. Diferentemente do espanhol atual - que só exibe a ordem O-V em dois contextos informativos, sendo que, em apenas um deles, ou seja, na focalização, o objeto não pode ser retomado pelo clítico (na tematização, a retomada pelo clítico é obrigatória) -, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem clítico, em qualquer contexto informativo, seja neutro, seja de tematização ou de focalização (como os contextos de focalização não oferecem evidências para o ponto em discussão, já que não permitem a presença do clítico também na variedade atual, não são trazidos para o debate)⁸. Vejam-se, por exemplo, os trechos em (7) e (8) a seguir:

- (7) Conosçuda cosa sea a quantos esta carta vieren commo nos don Per Alffonso, por la gracia de Dios abbat de Trianos, e nos, el conuento dese mismo logar, ffazemos camio conuusco, Nunno Perez, fio de don Pero Perez de Ssant Ffagunt, e con Leonor Fferrandez, uostra muger. Nos, abbat e conuento sobredichos **damos** a uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, uostra muger, la nostra vina que yaz enas Vegas, çerca Villazan, que a por

⁶ Desde o trabalho de Rizzi (1997), o CP passou a ser entendido como um campo complexo com várias projeções, o que acomoda perfeitamente qualquer análise de que em qualquer tipo de língua V2, seja simétrica ou assimétrica, o verbo se move para CP. Para maiores discussões, ver os trabalhos de Vikner (1995), no qual se faz um prenúncio da análise do CP como um campo, e os trabalhos de Pinto (2011; 2016), no qual se faz uma discussão sobre o V2 em diferentes línguas, considerando o projeto da cartografia das estruturas sintáticas.

⁷ Por questões de espaço e objetivo, não é possível apresentar toda a análise neste artigo. Indico a leitura de Pinto (2011, 2015) para maiores detalhes da análise do espanhol antigo como uma língua V2. O que vale a pena dizer aqui é que, embora esteja de acordo com Fontana (1993) no fato de que o espanhol antigo era uma língua V2, discordamos na análise apresentada: para Fontana (1993), o efeito V2 simétrico do espanhol era realizado em IP; para Pinto (2011, 2015), o efeito V2 simétrico do espanhol era realizado em CP.

⁸ O parecerista anônimo sugere a indicação do clássico trabalho de Rizzi (1997), que oferece uma clara distinção sintática entre tópico e foco. No entanto, como argumentei em Pinto (2011), o trabalho de Rizzi (1997) só tem relevância, nesse sentido, para as línguas não V2, em que o sujeito tem uma posição pré-verbal exclusiva para si. Como será comentado mais adiante, Taraldsen (1986) e Cinque (1995) mostram que *Clitic Left Dislocation* (CLLD) e efeito V2 são valores opostos para o mesmo parâmetro, ou seja, ou uma língua tem V2 ou tem CLLD. Rizzi (1997) trabalha com o italiano atual, que possui CLLD e, claramente, não se comporta como uma língua V2. Portanto, a distinção de Rizzi (1997) não se aplicaria à discussão trazida aqui.

linderos: de primera parte e de seguda parte uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, de terceira Sancha Martinez, de quarta parte la rreguera que uien de las Fontanielas.

Et esta vina asi commo es determinada, vos **damos** por herdat e por iuro de herdat con todas sus pertenencias, asi commo la nos auemos con todos quantos derechos nos e nostro monesterio y auemos e deuiemos auer en esta vina sobredicha.

Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal.

O exemplo em (8) representa um trecho de uma carta de doação de uma vinha. Quando o sintagma nominal referente à vinha “la nostra vina” aparece a primeira vez, acontece a ordem V-O. No segundo período, “esta vina” é o tópico/tema da oração e aparece na ordem O-V sem a retomada clítica. O mesmo acontece no terceiro período. Como fica claro pelo fragmento, “esta vina” não pode ser considerada um foco, tendo em vista que não há contraste com nenhuma outra propriedade que esteja sendo dada. Mais uma vez, o segundo e o terceiro trecho, no espanhol atual, só seriam possíveis com a retomada pelo clítico.

- (8) El cual ese dia con los discipulos a la ribera andaba y vio el hataud que estava lanzado de las ondas y dijo a sus siervos **tomad** este hataud con toda diligencia y trahed lo a la villa el cual como hiciesen el medico abrio y vio dentro una doncella apostada y ornada de ornamentos reales muy hermosa yacente casi muerta y espantado dice o buena doncella porque sois as’ desamparada: y vio de bajo de su cabeza puesta copia de oro: y debaxo de la pecunia una carta escrita: y dice sepamos que contiene la carta. la cual como abriese fallo un titulo escrito.

cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro: y los otros diez de para la sepultura.

No exemplo em (8), “este hataud” aparece na ordem V-O durante a narração. Contudo, na transcrição da mensagem da carta, observa-se a ordem O-V. É difícil imaginar que “este hataud”, nesse contexto, possa ser interpretado como um elemento tematizado, mesmo que seja um tópico pendente. Pelo que se observa do fragmento, o tópico pendente é toda a oração relativa livre “cualquier que este hataud hallare”; “este hataud”, dentro desse contexto, pode ser entendido como um elemento neutro, já que não representa a informação nova com relação ao que deve ser achado nem representa a informação conhecida, porque não aparece anteriormente no contexto da mensagem da carta nem é sobre o que se fala. No espanhol atual, o objeto direto, nesse contexto, aparece obrigatoriamente na ordem V-O.

4 A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPANHOL⁹

A mudança na ordem de palavras, especialmente na posição linear do verbo na oração, na história do espanhol, não é quantitativa, mas qualitativa. Isso implica que a posição linear do verbo não foi alterada. O espanhol, nas duas fases, apresentava variação entre as ordens V1 e V2, com uma pequena porcentagem de ordem V>2, que, segundo interpreto, pode estar sendo obscurecida pelo fato de que ambas as fases são línguas de sujeito nulo. O que mudou, então, foi a posição que o verbo ocupa na estrutura oracional. Como já comentei repetidas vezes, o espanhol antigo apresentava variação gramatical entre uma gramática parecida com a atual e uma gramática V2. Logo, o movimento do verbo era diferente na gramática V2. Na gramática V2 do espanhol antigo, o verbo ocupava uma posição mais alta, ou seja, movia-se até CP (mais especificamente até o núcleo Fin^o); no espanhol atual, o verbo ocupa uma posição intermediária, ou seja, move-se até IP (mais especificamente até Agr^o ou T^o). Nesta seção, portanto, discutirei minha hipótese sobre a eliminação da gramática V2 que desencadeava movimento do verbo para CP, manifestando o efeito V2 na fase antiga do espanhol. Em primeiro lugar, discutirei a posição linear do verbo; em seguida, discutirei questões sobre a posição do sujeito; por fim, discutirei a minha hipótese efetivamente sobre a influência da ordem O-V na mudança linguística.

⁹ Diversos trabalhos mostram que a mudança gramatical no espanhol acontece entre os Séculos XV e XVI (LAPESA, 1981; EBERENZ, 1991). Os dados de Fontana (1993), assim como os meus de Pinto (2011), sobre o efeito V2, confirmam essa proposta. Nesse sentido, recomenda-se que o leitor tenha em mente que a gramática V2 do espanhol existe até o Século XV e que, após esse período, só se registra a gramática não V2.

4.1 A POSIÇÃO LINEAR DO VERBO

Em primeiro lugar, como argumentei em Pinto (2011, 2015), a diferença entre as duas fases do espanhol não é quantitativa, mas, sim, qualitativa. Observem-se as Tabelas 1 a 3, a seguir:

Tabela 1: Distribuição geral da posição do verbo na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	44,77	55,88	51,61	47,89	49,48	57,02	52,65	53,28	51,96
V2	42,18	40,04	42,06	43,68	41,76	37,26	42,93	42,93	41,48
V>2	12,93	3,74	5,55	8,70	8,70	5,50	4,21	6,64	6,12

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 2: Distribuição da posição do verbo em orações matrizes na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	31,62	40,92	36,01	38,40	43,35	44,80	35,49	38,99	41,93
V2	48,76	53,63	54,88	49,50	44,37	46,59	57,72	52,30	49,16
V>2	19,43	5,27	8,91	12,00	12,24	8,51	6,63	8,55	8,67

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 3: Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	59,07	64,29	59,40	53,37	54,12	64,00	64,81	68,90	71,90
V2	34,94	32,66	36,13	40,25	39,77	31,75	26,44	26,44	27,48
V>2	5,82	2,90	3,93	6,30	6,01	3,78	2,49	4,52	1,37

Fonte: Pinto (2011)

A Tabela 1 mostra que, em quase todo o tempo, a proporção das ordens V1, V2 e V>2 permanece semelhante, com uma leve predominância da ordem V1 sobre a ordem V2. O Século XVI destaca-se dos demais pelo fato de que as porcentagens das ordens V1 e V2 são bem parecidas e a ordem V>2 destaca-se da ordem V>2 dos demais períodos. As Tabelas 2 e 3 mostram que a ordem V2 é preferida nas orações matrizes e a ordem V1 é preferida nas orações subordinadas. Merecem destaque o Século XII, XV e XVI, quando a ordem V>2 é bastante produtiva. Como o espanhol atual ainda é uma língua de sujeito nulo, a quantidade de ordem V>2 permanece baixa.

A semelhança quantitativa pode ser explicada porque o espanhol antigo era uma língua de movimento do verbo para CP, podendo desencadear o movimento de um XP para a primeira posição, além de ser uma língua de sujeito nulo. Com a perda da gramática V2

entre os Séculos XV e XVI, o espanhol continua exibindo a ordem V-S (talvez por uma influência árabe)¹⁰, ao contrário do que aconteceu com o francês, que perdeu a inversão do sujeito quando perdeu a restrição V2 e, posteriormente, perdeu a propriedade de sujeito nulo (o que pode gerar o aumento da ordem V>2).

As principais diferenças entre as duas fases são que o espanhol antigo tinha a possibilidade de ênclise com verbos finitos, a falta de restrição ao frontamento de constituintes para a primeira posição da oração, ordem Aux-S-V e construções de *object shift*. A explicação parece ser que o movimento do verbo é diferente em cada fase. No espanhol antigo, como nas demais línguas V2, o verbo faz um movimento longo para C°, devido ao requerimento de realização fonológica de Fin* (ROBERTS, 2004). No espanhol atual, o verbo faz um movimento curto até IP e o campo CP é usado somente para efeitos informativos de tematização e focalização.

4.2 REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA POSIÇÃO DO SUJEITO NA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Em Pinto (2011), assumindo a hipótese de Fontana (1993), que diz que o que mudou nas duas fases do espanhol não foi o movimento do verbo, mas as características da posição pré-verbal, apontei que o problema poderia ser abordado de duas maneiras: a) alguma coisa em algum aspecto da gramática do espanhol mudou previamente e fez com que o campo pré-verbal fosse reanalisado posteriormente; b) um aumento na quantidade de ordem S-V fez com que a posição pré-verbal fosse reanalisada exclusivamente como uma posição A e daí outras coisas mudaram na gramática do espanhol.

A segunda opção é automaticamente descartada pelos resultados da posição do sujeito na história do espanhol, como se observa na Tabela 4:

Tabela 4: A posição do sujeito na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
S-V	78,04	74,94	71,34	72,86	77,22	57,87	60,69	64,00	73,87
V-S	21,96	25,06	28,66	27,14	22,78	42,13	39,31	36,00	26,13

Fonte: Pinto (2011)

Como a Tabela 4 anterior mostra, não houve alteração na distribuição dos sujeitos entre os Séculos XII e XVI. A mudança na frequência da posição do sujeito se dá entre os Séculos XVII e XVIII e é no sentido contrário. Ou seja, a ordem S-V, entre os Séculos XII e XVI, é sempre a preferida (uma média de 75% dos dados com sujeito realizado) e entre os Séculos XVII e XVIII há um leve aumento na quantidade de ordem V-S.

Fernández-Ordóñez (2009) propõe que a mudança do espanhol de uma língua V2 para uma língua S-V se deva ao excessivo uso da posição pré-verbal para focalização do sujeito com conseqüente desgaste discursivo dessa posição. Se essa hipótese estivesse correta, dois resultados, pelo menos, seriam esperados: 1) um aumento gradativo na ordem S-V, o que não se verifica, como já dito; 2) a posição pré-verbal estaria disponível para sujeitos que representassem um foco informativo (já que a posição está discursivamente desgastada, qualquer elemento poderia ocupá-la), o que não se verifica no espanhol atual¹¹. Com relação ao segundo aspecto, há ainda dois problemas: a) uma implicação séria para a aquisição da linguagem no sentido de que a criança estaria sensível a propriedades discursivas para adquirir a gramática da língua (nesse caso, ainda assim há evidências prosódicas para a restrição da posição pré-verbal, já que o acento nuclear neutro no espanhol é alinhado com a posição mais encaixada da estrutura); b) se a posição

¹⁰ Meyer-Hermann (1988) discorda dessa questão. No entanto, em Pinto (2011) argumento que esse parece ter sido o caso quando se faz uma análise panromânica.

¹¹ O trabalho de Zubizarreta (1998) deixa claro que o espanhol realiza foco informativo de sujeito em posição pós-verbal de maneira categórica. Para uma discussão recente da questão, ver Ruas (2017).

pré-verbal está discursivamente desgastada, espera-se que a ordem S-V se torne categórica e que outros recursos apareçam para cobrir os usos da ordem V-S, o que também não é verificado no espanhol atual¹².

A hipótese de que o aumento da ordem S-V causou a perda do efeito V2 no espanhol só poderia ser plausível se fosse constatado um aumento na porcentagem de sujeito e um decréscimo na porcentagem de outros constituintes em primeira posição na ordem V2:

Tabela 5: XP em primeira posição entre os Séculos XII e XVII

	Sujeito	Outro XP
Século XII	45,99	54,01
Século XIII	55,76	44,24
Século XIV	59,17	40,83
Século XV	43,66	56,34
Século XVI	48,80	51,20
Século XVII	43,49	56,51

Fonte: Pinto (2011)

A Tabela 5 acima mostra que a porcentagem de sujeitos em primeira posição aumenta do Século XII para o Século XIV, mas cai do Século XIV para o Século XV, mantendo-se mais ou menos igual até o Século XVII. Se a hipótese de que um aumento da ordem S-V foi o que causou a perda do efeito V2 estivesse correta, o que deveria ser registrado era um aumento gradativo da ordem S-V ao longo do tempo e uma acentuação nesse aumento a partir do Século XVI, como Antonelli (2011) registra na história do Português sintetizado na Tabela 6:

Tabela 6: Orações matrizes com ordem linear V2 no português

	S-V	XP-V-S
Século XVI	52,39	47,61
Século XVII	44,21	55,79
Século XVIII	81,75	18,25
Século XIX	84,82	15,18

Fonte: Pinto e Antonelli (2014)¹³

Antonelli (2011) destaca que, nos textos escritos até o fim do Século XVII, parece não haver uma preferência por orações com sujeito pré-verbal ou por orações com um elemento não sujeito precedendo o verbo. De fato, a média de frequência gira em torno de 50%

¹² Pinto (2008) mostra que a clivagem é pouco preferida no espanhol, diferentemente do que acontece com o PB (português brasileiro) justamente por causa da alta produtividade da ordem V-S para focalização do sujeito.

¹³ Em Pinto e Antonelli (2014) são sintetizados os resultados de Pinto (2011) e Antonelli (2011).

para as duas opções de ordem de palavras. Em contraste a esse padrão, o que se observa a partir do Século XVIII é uma curva de aumento na frequência da ordem S-V. Como se vê, orações com ordem S-V passam a ser mais empregadas, com um índice de 81,75% no Século XVIII e 84,82% no Século XIX, resultando no decréscimo de estruturas de *fronteamento* com inversão do sujeito.

4.3 O PAPEL DA ORDEM O-V NA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Nesta subseção, apresentarei a proposta que acredito que tenha efetivamente desencadeado a perda do efeito V2 na história do espanhol. Como os advérbios e elementos adverbiais em primeira posição não oferecem evidências para a questão, já que podem ser analisados tanto pela gramática V2 como pela gramática não V2, é necessário isolar os objetos que possuem clítico a fim de contrastar a ordem O-V com e sem retomada clítica, uma vez que, como indicaram Taraldsen (1986) e Cinque (1995), efeito V2 e CLLD são valores diferentes para o mesmo parâmetro. A Tabela 7 mostra a porcentagem de objetos que podem ser recuperados por um clítico em primeira posição¹⁴.

Tabela 7: Objetos com clítico *versus* sem clíticos em primeira posição entre os Séculos XII e XVI¹⁵

	Com clítico		Sem clítico	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
Século XII	7	25,00	21	75,00
Século XIII	7	18,44	31	81,56
Século XIV	2	16,67	25	83,33
Século XV	4	12,50	28	87,50
Século XVI	5	33,33	10	66,67
Século XVII	5	45,46	6	54,54

Fonte: Pinto (2011)

Até o Século XV, há uma flutuação na ocorrência de ordem O-V com e sem retomada clítica. No Século XVI há uma queda da ordem O-V sem o clítico. Mesmo que a porcentagem de sujeitos não tenha crescido em relação à porcentagem de outros constituintes em primeira posição, a porcentagem de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, que são um dos principais elementos que, de fato, oferecem evidência para a criação de que houve um movimento do verbo para CP, decresceu consideravelmente entre os Séculos XV e XVII.

Os dados da Tabela 7 levantam o questionamento de se realmente havia um processo de competição de gramáticas no espanhol antigo tal como venho propondo. Parece que, se um dado permanece com uma frequência de mais de 80% por três séculos e a forma complementar permanece com uma frequência de menos de 20%, esses dados não estão realmente competindo.

Lightfoot (1991, 2006), a partir da teoria de *cues* (dicas), propõe que a criança precisa encontrar pistas de um determinado parâmetro no ambiente linguístico para que esse parâmetro possa ser fixado. Roberts e Roussou (2003) propõem a existência de um mecanismo de segurança na faculdade da linguagem que determina que, se uma determinada pista não é encontrada, a opção não marcada, ou seja, a mais econômica do parâmetro é automaticamente selecionada. No caso do efeito V2, a pista que a criança tem, segundo Lightfoot (1995), para saber que sua língua é V2, é o fato de que o verbo pode ser precedido por qualquer tipo de constituinte.

¹⁴ Hernanz e Brucart (1987) mostram que o espanhol, diferentemente de outras línguas como o catalão, só possui clíticos para retomar objetos diretos e indiretos.

¹⁵ Os dados da ordem O-V são poucos porque os dados da fonte original estavam relacionados com a ordem de constituintes de maneira geral, o que deixa uma pequena quantidade de dados exclusivos de ordem O-V.

Kroch (2001) propõe, como mostrei anteriormente em (1) e (2), que a perda do efeito V2 no francês se deve a uma reanálise de orações que linearmente podem ser produzidas tanto por uma gramática V2 como por uma gramática não V2. Como a criança não tem mais evidências de que a sua gramática é V2, analisa a oração como não V2. No caso do espanhol antigo, os principais fatos que evidenciavam sintaticamente para a criança que essa língua tinha uma gramática V2 eram a ordem O-V sem duplicação clítica e o fronteamto de partes de constituintes. Sujeitos, advérbios/sintagmas adverbiais e alguns complementos circunstanciais não ofereciam pista para a aquisição do movimento do verbo.

Em termos meramente estruturais, acredito que a mesma explicação de Kroch (2001) para o francês possa ser dada para o espanhol: como caiu o número de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, a criança perdeu as evidências para analisar os elementos em primeira posição como derivados de movimento para alguma posição do CP, fazendo com que a língua fosse reanalisada como uma gramática não V2 e, conseqüentemente, perdesse (ou tivesse uma redução brusca) a ordem Aux-S-V, perdesse as construções de *object shift* e *stylistic fronting* etc. Como todas essas construções estão relacionadas, quando se perde o movimento do verbo, as demais construções são perdidas automaticamente. Possivelmente, uma questão estilística ou de frequência entre os Séculos XV e XVI tenha feito com que esses dados ficassem menos robustos e, no Século XVII, a gramática já havia sido reanalisada como uma gramática de movimento do verbo até IP.

Isso implica que, após analisar sua língua como uma língua não V2, a criança somente irá frontear constituintes com valores discursivos marcados. E, ao frontear objetos diretos e indiretos que sejam o tópico da oração, a nova geração fará uso do redobro com o clítico já que esse tópico não pode se mover para uma posição de operador. Os dados em (9), de Pinto (2011, p. 287), oferecem uma evidência a esse fato, considerando que em todos os exemplos aparece o mesmo verbo: “pertenezer”.

- (9) a. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen**, (1303)
 b. reparar et fazer todo reparamiento et fortifficamiento que al dicto muro **pertenesce** en la endrecha de la dicta su casa... (1381)
 c. que yo aya o me **pertenesca** aver (1467)
 d. con todo lo que a la dicha casa le **pertenece**, (1593)

Os dados em (9) consideram o comportamento dos objetos do verbo “pertenezer” entre os Séculos XIV e XVI. No Século XIV, os objetos indiretos “a ellas” e “al dicto muro” aparecem em posição pré-verbal sem redobro do clítico, como se vê pelos exemplos (9a) e (9b). No Século XV, no lugar da forma tônica “a mi” sem redobro, como já havia sido registrado em outros contextos, aparece a forma átona “me”, como se vê no exemplo (9c). O exemplo (9d) mostra que, no Século XVI, o objeto indireto fronteadado já aparece redobrado com o clítico equivalente. É interessante notar o contraste entre (9b) e (9d), que apresentam o mesmo contexto, o mesmo tipo de construção; em ambas, o objeto fronteadado é idêntico, mas em uma é redobrado e em outra não.

Em termos sócio-históricos, embora acredite que a configuração das línguas românicas medievais tenha recebido uma forte influência de outras línguas com as quais teve contato (com os povos germânicos no geral e com os povos árabes no caso das línguas da Península Ibérica), não sei em que medida os fatos históricos puderam influenciar na perda do efeito V2 na história do espanhol. A koineização durante a Reconquista parece não ter sido um fator que influenciou na perda do efeito V2, tendo em vista que, segundo Meyer-Hermann (1988), tanto as zonas sob influência árabe como as que não tiveram influência árabe apresentavam a mesma configuração com relação à ordem V-S. Pelo contrário, como apontado por Tuten (2003), durante os Séculos XI e XII, muitos francos migraram para a Península, o que pôde ter reforçado o efeito V2. Além disso, se o efeito V2 é panromânico, ou seja, uma influência germânica nas línguas românicas como um todo, e se os germânicos ocuparam toda a península, mesmo os dialetos moçárabes do sul deveriam exibir uma configuração V2. O fato de que o castelhano começou a se expandir para o sul no Século X não deve ter influenciado diretamente a perda do efeito V2 em tempos mais tarde já que as línguas que foi absorvendo deviam exibir a mesma configuração.

Eberenz (1991) propõe que qualquer periodização da língua espanhola que pretenda incluir fatos extralinguísticos deve relacioná-los com os fatos intralinguísticos. De fato, o final do Século XV e o começo do Século XVI representam um divisor de águas na história da Europa: a constituição dos estados nacionais, o início das grandes navegações e, no caso da Península Ibérica, a expulsão

dos árabes e judeus. Como diversos estudos (por exemplo, LAPESA, 1981; EBERENZ, 1991; FONTANA, 1993; CANO AGUILAR, 1997; CARRETER e TUSÓN, 1998 etc) mostraram, a língua espanhola moderna começou a se configurar de fato no Século XVI. Nesse sentido, parece haver realmente uma coincidência entre história interna e história externa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentei, de maneira sintética, uma proposta de explicação para a perda do efeito V2 na história do espanhol europeu, considerando a aquisição da linguagem como o lugar central da mudança linguística.

O gerativismo está preocupado com o processo de aquisição da linguagem, em como os seres humanos nascem com uma faculdade da linguagem no mesmo estágio e adquirem línguas diferentes a depender da comunidade linguística na qual estão incluídos. Nesse modelo teórico, a aquisição da linguagem é o lugar central da mudança linguística: a língua muda porque um parâmetro foi fixado de forma diferente do parâmetro da geração anterior. A diferença na fixação paramétrica se dá porque o ambiente linguístico sofreu alguma alteração, que pode ser causada por diversos motivos, entre eles o contato de línguas, o que gera uma reanálise do parâmetro por parte da criança, dado que a pista do parâmetro não está clara da mesma forma que estava para a geração anterior.

Pelo que tudo indica, a configuração sintática do espanhol antigo (e das demais línguas românicas) pode ser decorrente de um contato de línguas: os povos germânicos transmitiram o efeito V2 para as línguas românicas. Algum processo de transmissão linguística irregular pode ser identificado na caracterização do efeito V2 do espanhol antigo, que é diferente do efeito V2 das línguas germânicas atuais e também é diferente do efeito V2 das línguas germânicas antigas. Segundo Hinterhölzl e Petrova (2010), as línguas germânicas antigas eram línguas V1 nas quais o verbo era usado para fazer uma divisão informativa na oração: a informação velha era colocada em posição pré-verbal e, assim, o efeito podia ser V2 desencadeado ocasionalmente se houvesse um XP antes do verbo. O espanhol antigo, por outro lado, apresentava bastante produtividade na ordem V1 e, quando apresentava ordem V2, não fazia distinção do estatuto informativo do XP em primeira posição. Isso mostra que os falantes românicos da Península Ibérica aprenderam a regra de fronteamto de constituinte, mas não aprenderam a regra que determinava, nas línguas germânicas, que somente um XP contendo algum traço do tipo [+informação conhecida] poderia estar em primeira posição.

Com relação à perda do efeito V2 na história do espanhol, acredito que os Séculos XV e XVI tenham sido cruciais para o fenômeno. Alguma alteração no ambiente linguístico naquele momento fez com que as crianças perdessem as evidências de que estavam expostas a uma gramática V2. A minha explicação para isso, ao contrário de Fernández-Ordóñez (2009), não é que um aumento na frequência dos sujeitos pré-verbais fez com que o espanhol passasse de uma língua V2 para uma língua S-V tendo em vista que a proporção de ordem S-V não aumenta ao longo da história (pelo contrário, diminui nos Séculos XVII e XVIII) e que a posição pré-verbal nunca foi utilizada para focos informativos, como acontece atualmente no PB e, possivelmente, também no espanhol caribenho. Na abordagem que propus, a perda do efeito V2, no espanhol antigo, está associada à diminuição do fronteamto de objetos diretos e indiretos, independentemente de sua função informativa, sem retomada pelo clítico. Como o sujeito e os complementos preposicionados não possuem clíticos que os dupliquem, não oferecem evidência para identificar se o XP em primeira posição havia sido movido ou concatenado. Como os objetos diretos e indiretos possuem tais clíticos, o aparecimento desses constituintes em primeira posição, sem o uso do clítico, oferece à criança uma pista de que sua língua tem um traço EPP em SpecFinP e que qualquer constituinte pode ocupar a primeira posição da oração. Com a redução dos dados com esses elementos, talvez por uma mera questão quantitativa e/ou estilística (ou até mesmo informativa, no sentido de que, casualmente, objetos começam a aparecer menos como o tópico do discurso), a criança não tem mais essas evidências e passa a analisar sua língua como uma língua não V2.

A análise apresentada até aqui levanta algumas questões, sendo duas delas relacionadas com aspectos estruturais e uma relacionada com aspectos sócio-históricos, a serem desenvolvidas em pesquisas futuras.

A primeira questão estrutural tem a ver com a quantidade de dados da ordem O-V e seu papel na aquisição. Faz-se necessário que a proposta que apresentei seja melhor explorada, com mais dados, e que também se considere o valor informativo desses objetivos

fronteados, uma vez que dados de focalização não fornecem evidências para a mudança linguística pela qual o espanhol europeu passou.

A segunda questão estrutural está relacionada com a discussão dos parâmetros como um conjunto de propriedades relacionadas. Propus aqui que a redução na ordem O-V sem retomada pelo clítico tenha sido a principal evidência para a perda do efeito V2 na história do espanhol, não obstante o fato de ter mencionado que outras propriedades estavam relacionadas ao parâmetro V2. É preciso analisar, em trabalhos futuros, se as outras propriedades não desempenharam nenhum papel na mudança linguística. Ilza Ribeiro, em comunicação pessoal, sugeriu que a diminuição na ordem O-V sem retomada seja um corolário da mudança linguística assim como a alteração em outras propriedades relacionadas. Se Ilza Ribeiro estiver correta, outro aspecto (no caso, orações subordinadas com duplo complementizador, o que impediria o movimento do verbo na oração subordinada¹⁶) foi o gatilho para a mudança, e não a diminuição da ordem O-V.

Com relação à questão sócio-histórica, Kroch (2001) mostra que a perda do efeito V2 na história do inglês se deve ao contato entre duas variedades, sendo uma V2 e outra não V2. Assumi até aqui que o efeito V2 é um fenômeno panromânico, que estava espalhado em toda a Península Ibérica e que a Reconquista não desempenhou nenhum papel na mudança linguística. Esse aspecto, entretanto, precisa ser examinado com maior cuidado, porque o contato com diversas línguas árabes no sul, a partir do século VIII, pode ter tornado aquelas variedades românicas diferentes das variedades do norte, o que pode ter contribuído para a redução na produtividade de orações claramente V2 (o que obscureceria as pistas para as novas gerações), provocando a mudança linguística a partir de um processo de koineização das variedades do norte com as do sul, no sentido do que apontou Tuten (2003).

Dessa forma, este artigo, apesar de esclarecedor, em lugar de conclusivo, é motivador para novas, instigantes e intrigantes questões estruturais e sócio-históricas.

REFERÊNCIAS

ADAMS, M. *Old French, null subjects and verb second phenomena*. 1987a. Ph.D. Dissertation, University of California, 1987a.

_____. from old french to the theory of pro-drop. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 5, n. 1, p. 1-32, 1987b.

ANTONELLI, A. *Sintaxe de posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BENINCÀ, P. A detailed map of the left periphery of medieval romance. In: ZANUTTINI, R. et al. (org.). *Negation, tense and clausal architecture: cross-linguistics investigations*. Washington: Georgetown University Press, 2006. p. 53-86.

_____. Complement clitics in medieval romance: the tobler-mussafia law. In: BATTYE, A.; ROBERTS, I. (org.). *Clause structure and language change*. New York/Oxford: OUP, 1995. p. 325-344.

CANO AGUILAR, R. *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros, 1997.

CARRETER, F. L.; TUSÓN, V. Principales Etapas en la formación del español. In: _____. *Lengua española*. 2 ed. Salamanca: Anaya, 1995. p.71-76.

¹⁶ Medeiros (2018), ao estudar a ordem de palavras na história do português, mostra que o português arcaico era uma língua V2 simétrica, passando a uma língua V2 assimétrica no período clássico, culminando numa língua não V2 a partir do século XVIII. Seguindo a proposta de Ilza Ribeiro, esperaria-se que o espanhol tenha passado pelo mesmo caminho que o português, tornando-se uma língua V2 assimétrica antes mesmo de se tornar uma língua não V2. Fernández-Ordóñez (2009) cita Cho (1997), que propõe uma análise de que o espanhol antigo era uma língua V2 assimétrica. Chega o momento, então, de entender se a análise de Cho (1997) não contraria a de Fontana (1993), ou, pelo contrário, complementam-se, indicando subfases na história do espanhol antigo.

CHO, E. *La topicalización y sus restricciones sintácticas en la Primera Crónica General de España de Alfonso X*. 1997. Tesis Doctoral, Universidad Autónoma de Madrid, 1997.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CINQUE, G. Bare quantifiers, quantified NPs, and the notion of operator at S-structure. In: _____. *Italian syntax and Universal Grammar*. New York: CUP, 1995. p. 104-120.

EBERENZ, R. Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua española. *Revista de Filología Española*, n. LXXI, p. 79-106, 1991.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí. *Alcanate*, v. VI, p. 139-172, 2008-2009.

FLORES, M.; MELIS, C. Periodización del español. Evidencia para una tercera etapa evolutiva. *Études Romanes de BRNO*, v. 36, p. 11-28, 2015.

FONTANA, J. M. *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. Ph.D Dissertation, University of Pennsylvania, 1993.

HERNANZ, M. L.; BRUCART, J. M. *La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple*. Barcelona: Crítica, 1987.

HINTERHÖLZL, R.; PETROVA, S. From V1 to V2 in West Germanic. *Lingua*, v. 120, issue 2, p. 315-328, 2010.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (org.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 699-730.

_____. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244, 1989.

KAYSER, G. A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORGANIZADO POR MOTIVO DOS VINTE ANOS DO PORTUGUÊS NO ENSINO SUPERIOR. 1999. Budapeste. *Actas*. Budapeste: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Etövös Loránd, 1999. p. 248-259.

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. 9. ed. Madrid: Gredos, 1981.

LIGHTFOOT, D. *How new languages emerge*. Cambridge: CUP, 2006.

LIGHTFOOT, D. Cue-based acquisition and change in grammars. In: _____. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 144-177.

_____. Why UG needs a learning theory: triggering verb movement. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (Orgs.). *Clause structure and language change*. New York/Oxford: OUP, 1995. p. 31-52.

LIGHTFOOT, D. Uma ciência da história?. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, p. 275-294, 1993.

_____. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1991.

_____. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MARCUSCHI, L. A.. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V.. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENSCHING, G.. Old romance word order: a comparative minimalist analysis. In: GALVES, Charlotte *et al.* (org.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: OUP, 2012. p.21-42.

MEYER-HERMANN, R.. ¿Se debe la posposición del sujeto en el español a una influencia árabe?. *Revista de Filología Española*, v. LXVIII, p. 67-96, 1988.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Lingüística histórica. In: PFEIFFER, C.; NUNES, J. H. (org.). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.

_____. *Língua barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PINTO, Carlos Felipe. Variação na ordem O-V no espanhol antigo: evidências de um processo de competição de gramáticas a partir do contato entre línguas. In: CARVALHO, Dannel; SOUSA, Lilian Teixeira de (Org.). *Gramática Gerativa em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 133-158.

_____. Força ilocucionária, CP cindido e efeito V2. In: MARTINS, M. Aarco Antoni. o *et al.* (oOrg.). *Estudos linguísticos: textos selecionados/ABRALIN 2013*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 206-224.

_____. Algunas observaciones sobre el efecto V2 en el español antiguo. In: LÓPEZ IZQUIERDO, M.; CASTILLO LLUCH, M. (Org.). *El orden de palabras en la historia del español y otras lenguas iberorromances*. Madrid: Visor Libros, 2015. p. 49-82.

_____. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____. *Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PINTO, C. F.; ANTONELLI, A. O efeito V2 na história do espanhol e do português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, p. 163-197, 2014.

RINKE, E. Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOBS, D. (org.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 309-332.

RIVERO, M. L. Clitic and NP Climbing in Old Spanish. In: CAMPOS, H.; MARTINEZ-GIL, F. (org.). *Current studies in spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1992. p. 241-282.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (org.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

ROBERTS, I. The C-System in brythonic celtic languages, V2 and the EPP. In: RIZZI, L. (org.). *The Structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures*. v. 2. Oxford: OUP, 2004. p. 297-328.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RUAS, S. *Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L2 por falantes adultos brasileiros*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SALVI, G. The two sentence structures of early Romance. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (org.). *Current Studies in Italian syntax*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 297-312.

SITARIDOU, I. Against V2 in Old Spanish. In: El orden de palabras en las lenguas iberorrománicas medievales, 2016, Girona. *Conferências*. Disponível em: <http://habilis.udg.edu/~lidiagc/OrdenDePalabras/OrdenDePalabras/organizacion.htm>. Acesso em: 21 jan. 2018.

TARALDSEN, Knut. On verb second and the functional content of syntactic categories. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (org.). *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 7-25.

TUTEN, D. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

VIKNER, S. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

WEINREICH, U.; LABOV, W. ; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (org.). *Directions for Historical Linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1998.



Recebido em 05/02/2019. Aceito em 27/02/2019.